

## A SITUAÇÃO DA PECUÁRIA DO GADO DE CORTE NO ESTADO DE GOIÁS

MARLI DE BEM GOMES D'AULÍSIO

Universidade Federal de Goiás — Goiânia

Goiás é o Estado do Brasil mais beneficiado com a mudança da capital do país para Brasília. Progrediu em muitos sentidos, porém o impulso para o desenvolvimento da pecuária, que advém da realização de exposições pecuárias de alto nível e de orientação técnica, é recente.

Das raças bovinas predominantes no Estado destacam-se : Nerole, Gir, Indubrasil e mestiços dessas. Nota-se, portanto a acentuada preferência pelo zebu. Isso decorre do sistema de criação extensivo, ainda, quase exclusivamente, usado, o que ressalta a rusticidade dessas raças para enfrentar condições tecnicamente pouco favoráveis. Esse sistema é devido ao baixo preço das terras, que possibilita a aquisição de grandes fazendas. O animal é adquirido e solto em pastos naturais, fracos e sem nenhum melhoramento. Aí luta pela sua sobrevivência e se reproduz quase sem nenhuma interferência do homem, sofrendo apenas uma seleção natural. Ignora-se o número de animais nascidos e quais são os seus pais.

Devido aos maus pastos, a população por unidade de área é muito baixa: 0,5 cabeça por hectare nas terras melhores. Quando o fazendeiro pensa que estão em idade de ir para o matadouro, eles são reunidos, sendo separados os melhores -- que são vendidos. Os demais retornam aos pastos para dar continuidade à criação. Temos aí, como facilmente se observa, uma seleção negativa.

Esse sistema, que produz carne barata e de baixa qualidade, é irracional. Seu uso é devido ao baixo preço da terra e à falta de melhores condições. O boi criado nesse sistema atinge a

idade de venda para o matadouro aos 4,0 a 4,5 anos, com pêsco médio de carcaça de 182 kg nas terras melhores, e aos 6.0 anos nas terras piores, com uma média de pêsco de carcaça de 120 a 150 kg. As vacas são abatidas em idade variável e constituem a grande maioria dos animais levados ao matadouro, conforme podemos ver pelo quadro abaixo:

### Bovinos abatidos em Goiás

Ano	Bois	Vacas	Total
1964	23.268 (16,1%)	121.476 (83,9%)	144.744
1965	29.153 (18,6%)	127.707 (81,4%)	156.860
1966	28.107 (24,5%)	86.789 (75,5%)	114.896
1967	57.144 (39,1%)	88.839 (60,9%)	145.963
1968	73.967 (39,5%)	113.431 (60,5%)	187.398

Dados fornecidos por EDY M. DE SIMONE — Veterinário da SIPAMA.

### Número de vacas que excede o número de bois abatidos

1964	98.208	(67,8%)
1965	98.554	(62,8%)
1966	58.682	(51,0%)
1967	31.695	(21,8%)
1968	39.464	(21,0%)

Nota-se no segundo quadro que o número de bois abatidos por ano tem aumentado progressivamente em relação ao número de vacas: em 1964, quando foram abatidos 144.744 animais, tivemos 98.208 (67,8%) vacas abatidas a mais que os bois e já em 1967, cujo total de abate é equiparável ao de 1964 — 145.963 animais — o número de vacas abatidas supera o de bois por apenas 31.695 (21,8%). Em 1968 também temos que, apesar do número de abates com relação a 1964 ter aumentado de 42.654 cabeças, o número de abates de vacas que excederam o de bois mortos foi de 39.464 (21,0%), isto é, há 58.744 (46,8%) vacas a menos abatidas que em 1964. Isto demonstra claramente

te que o número de abate de bois vem aumentando à medida que o de vacas vem diminuindo. Isto já é uma consequência da influência de técnicos nas diversas regiões.

Das três raças zebuínas supracitadas, a Nelore é a que mais se adapta a êsse sistema agreste de criação, pois seus bezerros são mais vivazes, mais sanguíneos e mais resistentes que os demais, tendo porém êsses animais o defeito de serem muito bravios.

O Gir é dócil ao manejo, porém suas crias são mais débeis têm dificuldade em ficar de pé para mamar e as tétas da vaca são muito grandes para seu bezerro, o que dificulta assim sua alimentação. Dificilmente crescem e se desenvolvem sem a ajuda humana.

A vantagem do Gir sôbre o Nelore é ser mais leiteiro. E' bom tanto para a exploração de carne como para a de leite. No sistema extensivo de criação, porém não se tem grande interesse pelo leite, daí a quase total preferência pelo Nelore. As regiões que exploram o rebanho de corte também para leite adotam o sistema de retiro no período de outubro a março.

O rebanho do Indubrasil no Estado é muito pequeno e o número de Guzerás também é desprezível, daí o não terem sido citados anteriormente. Existe ainda um gado que se denomina "Curraleiro", que é o bovino comum encontrado no norte de Goiás, introduzido pelos portugueses há mais de duzentos anos. E' um animal adaptado e resistente às condições aí encontradas. A maior parte do rebanho do Estado é proveniente de cruzada do "Curraleiro" com os zebus.

Vemos o quanto o nosso Estado do Brasil Central tem para progredir, lembrando que em outros sistemas de criação e manejo pode-se colocar o animal em açougue com menos de três anos de idade, com pêso médio de carcaça ao redor de 300 kg e possibilidade de chegar, em pastos adubados e cultivados, a três cabeças por hectare. Isso tendo pastagem ainda como única fonte de alimentação.

Encarando econômicamente a questão, vemos que temos

de contar o dinheiro empatado na terra, nos melhoramentos (adubação de pastagens e plantio de um capim mais adequado) e na compra do gado (em lugar de 0,5 cabeça por hectare teremos 3). Observamos que inicialmente teremos maiores gastos, porém essa benfeitoria vai ser amortizada muito mais depressa. Com isso teremos um giro de capital muito mais rápido, o que é altamente interessante.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

PATO, JOSE' MAGNO e outros, 1969 — **Subsídios para elaboração de um plano integrado para a pecuária de corte no Estado de Goiás**, Grupo Executivo da Produção Animal, M. A. e ACAR, 12 pp., Goiânia.

VIANNA, A. TEIXEIRA e outros, 1962 — **Formação do gado de Canchim pelo cruzamento Charolês-Zebu**, M. A., 176 pp. Rio de Janeiro.

LUSH, JAY L., 1964 — **Melhoramento Genético dos Animais Domésticos** (tradução). Editora Aliança para o Progresso, 470 pp., Rio de Janeiro.